junho 69

nº3

O COMUNISTA

sobre as lutas operárias e estudantis

1969 tem sido um ano constante de luta contra o patronato. De Norte a Sul, operários e estudantes têm reagido e actuado contra o poder económico e ideológico da burguesia Portuguesa.

É tempo de as forças revolucionárias fazerem uma análise detalhada e concreta desta experiência, para que se definam correctamente os métodos de trabalho a seguir nas próximas étapas.

- LUTAS OPERÁRIAS - como já tinhamos anunciado no nº 2 do nosso jornal, mais de 80 fábricas foram tocadas por greves e manifestações. Essas lutas tiveram um carácter expontâneo, e apesar de algumas terem atingido um grande nível de mobilização, a sua grande maioria saldou-se por vitórias parciais fácilmente recuperáveis pelo patronato; deram-se mesmo graves derrotas, como, por exemplo, na COVINA, onde 300 operários foram despedidos (mais tarde, só foram readmitidos 120).

  Nenhuma luta operária teve o mérito de servir de rastilho para acções semelhantes noutras empresas.

  Porquê? O que faltou?

  Para nós, é evidente que foi a existência duma organização revolucionária, enquadrada nas massas, com palavras de ordem que correspondessem aos interesses das massas.

→

sumário:

manifestações de massa e guerrilha urbana

os nossos camaradas presos

a "liberalização" do Marcelo

a P.S.P.

correspondência dos núcleos "O COMUNISTA"

FRIEDRICH ENGELS

Camarada:

Informa-nos da situação do teu lugar de trabalho, do montante do teu salário, das tuas perspectivas revolucionárias.

Organiza círculos de distribuição de " O COMUNISTA ".

Elabora artigos e críticas ao jornal.

Hoje, os trabalhadores portugueses não têm uma organização capaz de defender os seus legítimos interesses. A formação e a força dessa organização dependerá do seu esforço.

Com uma organização política eficiente, teria sido possível pôr de pé comités de fábrica e comités de gréve que conduzissem a evolução, o alargamento e a ligação das lutas.

A tarefa actual, será, portanto, trabalhar para a formação de uma organização política clandestina verdadeiramente revolucionária.

Até lá as massas trabalhadoras terão de tentar organizar-se em comissões operárias, comissões de fábrica, comités de acção, etc., que começarão a exercer o papel dum sindicalismo revolucionário - uma estrutura que defenderá os interesses das classes trabalhadoras e que saberá utilizar novas formas de luta.

Uma palavra sobre a organização das comissões operárias:

ao lado da sua actividade política, os nossos militantes têm de trabalhar na organisação das comissões operárias, pois esse será o único caminho para se conseguir uma verdadeira ligação às massas

Utilizando o copiógrafo manual, devem publicar folhas que circulem nas fábricas, denunciando o baixo nível dos salários, a exploração a que os trabalhadores estão sujeitos, as más condições de trabalho, etc. Todos estes pontos devem ser denunciados utilizando os exemplos concretos de cada localidade.

Ao mesmo tempo, em todas as publicações terão de ser feitas reivindicações de carácter político, como, por exemplo, fim da Guerra Colonial(1) e liberdade de associação e de reunião.

Este ponto é importantíssimo, e é indispensável para a nossa linha, que ele seja seguido. Se o trabalho dos militantes se limita a pedir um aumento de salário, a luta dos trabalhadores cai num economismo reformista. Se os trabalhadores acreditarem na luta meramente económica, estarão cada vêz mais longe da acção sindical revolucionária. Se as lutas operárias não tomarem um aspecto revolucionário, será impossível atingir o nosso fim - a implantação duma Democracia Popular.

Quanto ao recrutamento, o sectarismo tem de ser combatido. Todos os operários, independentemente de ideologias, podem entrar nas comissões operárias. O que é importante é que esses camaradas percebam que a luta de classes não se limita a exigir melhorias sociais económicas, mas sim a destruição do poder burguês.

LUTAS ESTUDANTIS: A luta dos estudantess tem tido altos e baixos no decorrer deste ano lectivo. Em Dezembro de 1968, a luta estudantil atingiu um bom nível de mobilização em Lisboa, forçando o Governo a fechar algumas Faculdades.

Depois de um período de paragem de actividade, a tensão académica reacendeu-se nos fins de Abril, em Coimbra.

Américo Tomás foi inaugurar um novo edifício destinado à Seqção de Matemática da Faculdade de Ciências de Coimbra.

Durante a cerimónia oficial, um estudante, apoiado pelos seus camaradas, dirigiu-se ao Presidente da República, e pediu para falar em nome da massa estudantil. Américo Tomás não o autotizou . A reacção dos estudantes foi imediata, e os gritos de "Palhaço", "vai-te embora, cara de remorso" e outros, saíram de todos os lados. Seguiu-se imediatamente um cortejo - manifestação nas ruas da cidade. A repressão foi violenta: cêrca de 90 presos, vários manifestantes gravemente feridos, processos instaurados a 30 estudantes que também foram imediatamente mobilizados para o Exército.

A resposta dos estudantes foi a de greve geral às aulas. Desde o dia 18 de Abril que a Universidade de Coimbra está em greve, e a partir do dia 30 de Abril, a cidade foi cercada por para-quedistas. O Ministério de Educação Nacional fechou a Universidade para evitar o agravamento da agitação.

As reacções dos estudantes de Lisboa foram hesitantes, e não consistiram em apoios concretos aos seus camaradas de Coimbra.

Apesar do seu isolamento, a luta em Coimbra continua: a palavra de ordem de boicote aos exames é seguida pela esmagadora maioria da massa estudantil. As ameaças de punição do Ministério da Educação, só cerca de 50 estudantes (entre uma população académica de 10.000 estudantes) se vergaram e se apresentaram aos exames, protegidos pela polícia.

Estes, os factos. Que merecem vários comentários.

O facto de o ridículo presidente do fascismo português ter sido vaiado e insultado por 3000 estudantes, significa uma consciência política da parte da massa estudantil, que até aqui raramente aparecia. A luta estudante saíu da limitação corporativista, saíu das "reformas do Ensino", para o campo do ataque à ditadura (ou mesmo à democracia) burguesa.

A resposta do Governo foi rápida e sem hesitações: repressão violenta das manifestações, estudantes processados e chamados para o serviço militar, cidade cercada por forças do Exército, Universidade fechada. Para a tranquilidade do Marcelo é preciso matar à nascença o mínimo sintoma de agitação. O que quer dizer que não se sente muito forte. Infelizmente, a contra-resposta estudantil foi fraca, não se obtendo a unidade na luta entre as Universidades.

Apesar da política nitidamente reformista dos dirigentes Associativos, verifica-se que a luta Académica conseguiu atingir novas expressões, devido à radicalização da base estudantil.

Esta base estudantil assumiu assim um papel de vanguarda, e é necessário que ela prepare a táctica e a estratégia da sua luta futura.

Perante a escalada de violência das forças repressivas, e devido à falta de coesão do movimento estudantil, as tarefas urgentes que se impõem são:

1. <u>Construção duma organização revolucionária clandestina estudantil</u> -

Ela revela-se cada vêz mais indispensável, porque é o único aparelho que permitirá a mobilização de massa estudantil, ao mesmo tempo que as Associações Académicas ficarão defendidas. As Associações Académicas são estruturas legais que não se podem perder, dadas as suas possibilidades de divulgação dos ideais democráticos e anti-reaccionários.

Além dessa importante característica-de servir de defesa às estruturas legais do movimento estudantil - essa organização poderá construir a unidade de acção e de perspectivas que faltam hoje à luta dos estudantes.

Com essa organização clandestina será possível obter uma maleabilidade de táctica de luta. Por exemplo: o Ministro da Educação pôs em prática o sistema de fechar as Faculdades quando a agitação sobe. Qual deve ser a resposta a essa manobra? Exigir que as aulas continuem, que a massa estudantil não seja prejudicada nos seus estudos, que o Governo resolva directamente os problemas, e que não fuja constantemente à questão.

2. <u>Ligação com o povo português, principalmente com os operários e camponeses</u>.

O estudante ainda é visto no nosso país, como uma categoria social privilegiada, estranha às necessidades e aspirações dos trabalhadores portugueses.

Apesar da sua origem de classe burguesa, não há dúvida que o estudante português, como a massa estudantil de todos os países, se encontra mobilizável para o combate contra a burguesia nacional. Às organizações revolucionárias a responsabilidade de aproveitar essa força e de a fazer escapar à influência da ideologia burguesa.

O Governo tentará tudo para que o estudante continue a travar as suas lutas isolado da população. O Governo irá satisfazer os estudantes nas questões secundárias da reforma do ensino, e tentará esmagar a sua luta, quando ela disser respeito a problemas de interesse fundamental para as camadas trabalhadoras.

O estudante só pode romper esse isolamento, se se ligar aos explorados portugueses, se se dedicar ao trabalho difícil mas indespensável de construir a unidade e a ligação das lutas dos operários e dos estudantes.

Essa união conseguir-se-á como consequência de militantismo político, principalmente, <u>através da realisação de tarefas concretas</u>, como, por exemplo

→

a) combate ideológico e prático (dentro e fora do exército), contra a GUERRA COLONIAL;

b) divulgação e propaganda das lutas dos trabalhadores, ao nível nacional e internacional;

c) organisação de subscrições de auxílio às lutas operárias e camponesas;

d) realisação de manifestações de apoio às reivindicações dos trabalhadores;

e) organisação de manifestações conjuntas operários-estudantes, etc..

Esta ligação tem outra vantagem, esta decisiva para o futuro da nossa revolução: cura o movimento estudantil das suas eternas doenças oportunistas, carreiristas e reformistas.

3. Organização de auto-defesa - é impossível evoluir para agitações de rua, abertas e decididas, sem que os manifestantes estejam enquadrados e protegidos por grupos de auto-defesa.

Para a luta urbana o militante tem de saber como defender-se dos cães polícias, dos gazes lacrimogéneos, das granadas, dos "casse-têtes"; tem de saber atacar e recuar diante das forças de choque, etc.

Aconselhamos o estudo detalhado do artigo "Guerrilha Urbana" que publicamos neste número.

Resumindo, o que podemos concluir da actual situação portuguesa?

Que a a capacidade de acção das massas despertou, e que lhes falta as organisações necessárias para o seu desenvolvimento. Dada esta carência organizativa, a étapa actual é extremamente difícil. Mas a luta não pode parar, a burguesia tem de continuar a ser atacada.

Viva a unidade na base e na acção dos jovens trabalhadores e estudantes, futuro da revolução portuguesa!

Operários, camponeses, estudantes e intelectuais revolucionários, criemos por todo o lado núcleos "O Comunista", base da nossa futura organização política!

Camaradas operários, criemos as comissões operárias, base da nossa futura acção sindical revolucionária!

Camaradas estudantes, organisemo-nos clandestinamente, para que as lutas operárias e estudantis apareçam unidas e ligadas, para que o cêrco se aperte à volta da burguesia portuguesa!

Nota (1) - a palavra de ordem "fim da Guerra Colonial" terá de ser constantemente seguida e divulgada pelos nossos militantes. Com essa palavra de ordem conseguiremos aproximar e politizar o jovem operário, o que significa levantarmos os alicerces dos futuros comités de soldados, arma essencial para a construção duma actividade anti-colonial vitoriosa

manifestações de massa e guerrilha urbana

Para a defesa das manifestações de massa (arma essencial para a primeira fase da nossa luta revolucionária), torna-se necessário que os militantes possuam alguns conhecimentos. Deixamos aqui o nosso contributo para uma discussão e uma prática que conduzam a um aperfeiçoamento posterior.

1. Local da manifestação - a manifestação deve ser convocada para um local de grande movimento. Isso vai permitir que a nossa luta não fique isolada e, principalmente, que ela se desenrole no meio da população. Têm de ser evitados os locais que permitem um cêrco fácil pelas forças de

polícia (bêcos, poucas ruas de saída,etc.). O local tem de ser minuciosamente estudado dias antes por militantes encarregados do começo,desenvolvimento e fim (fuga, se necessário), da manifestação. Esses militantes constituem a comissão clandestina que dirige a manifestação.

2. Enquadramento da manifestação - Um ou dois elemantos dessa comissão clandestina (comissão de campo), serão conhecidos dum militante que controle vários grupos que enquadram a manifestação.

As palavras de ordem, os movimentos, as acções seguirão assim : um processo de comunicação clandestina. É o sistema mais seguro para evitar que os revolucionários sejam detectáveis e que a provocação policial triunfe.

Não nos esqueçamos que a polícia infiltra sempre os seus agentes nas manifestações. Se esses polícias tentam lançar palavras de ordem provocatórias, que conduzirão ao fracasso e à dispersão imediata, eles serão, deste modo, fácilmente descobertos. A agitação que consiste em discutir e esclarecer a população,a distribuição de comunicados, etc., terá de ser efectuada por militantes que se encarreguem só dessas tarefas. Este trabalho é muito importante,pois o pincipio da nossa acção política é trabalhar sempre em ligação com a população. Nunca deve ser feito o mínimo acto que ponha a população contra nós. Deixemos que seja a polícia a arranjar esses inimigos, e não nós.

No local da manifestação, é muito importante vigiar e neutralizar desde o início os agentes da CARRIS que se encontram nas paragens de autocarros. São normalmente esses indivíduos que avisam imediatamente a polícia, utilizando os telefones da Companhia. Devem ser organisadas manifestações relâmpago (10 militantes chegam), em diferentes pontos da cidade, para que a polícia se disperse.

3. Constituição da comissão de campo - - o mais reduzida possível, constituída por estudantes Universitários, um estudante do liceu e um estudante representante das escolas comerciais e industriais, e por camaradas da classe operária. A prioridade na organização destas comissões deve ser dada aos representantes dos trabalhadores.

Não devem ser escolhidos camaradas que ocupem posições "oficiais" no movimento Associativo (dirigentes de Associações Académicas, oradores de Assembleias e Plenários, etc.), nem que sejam extrêmamente conhecidos da P.I.D.E.

4. Medidas de seguraça contra o ataque policial - No ataque corpo a corpo, a polícia não pode utilizar senão o casse-tête ou a coronha das espingardas. Nesse caso, pelo menos, os militantes que constituem os grupos de auto-defesa, têm que levar capacetes (de motociclistas, de operários da construção civil,etc.)

Passamos à publicação dum comunicado distribuído em França durante o mês de Maio de 1968, e que se revelou muito útil para a luta revolucionária dos operários e estudantes contra as forças policiais. Ele trata das medidas a tomar contra a utilização dos gazes:

"1. Medidas de precaução:

- não havendo máscara de gaz: óculos de pesca submarina, de motociclista, de profissões metalúrgicas(que fechem completamente). Meter na boca metade de um limão (para a respiração). Um pano branco à volta do nariz e da boca.

- Nunca fidar numa nuvem de gaz, molhar com água o pano que está à volta da boca, abrir as bocas de água que se encontram nos passeios(Não pôr água nos olhos e na cara, porque se pode produzir uma libertação de produtos tóxicos).

- Não respirar os gazes das granadas ofensivas (fazem um grande barulho quando explodem).

- Sôbre a pele: pôr uma camada de creme-base, ou qualquer creme gorduroso.

- Para os olhos: colírio de hydro-cortisona.

2. Se alguém for atingido

Nem todos os médicos conhecem as medidas a tomar:

a) 1. levar o doente sem que ele faça qualquer esforço para um quarto quente e bem arejado.
2. O menor movimento possível.
3. Gotas de éter nas narinas.
4. Sangria: o mínimo, 500 mg de sangue.

b) Oxigenar o doente e deixá-lo repousar-se.

c) Não absorver alimentação nem água durante 4 horas depois da absorção.

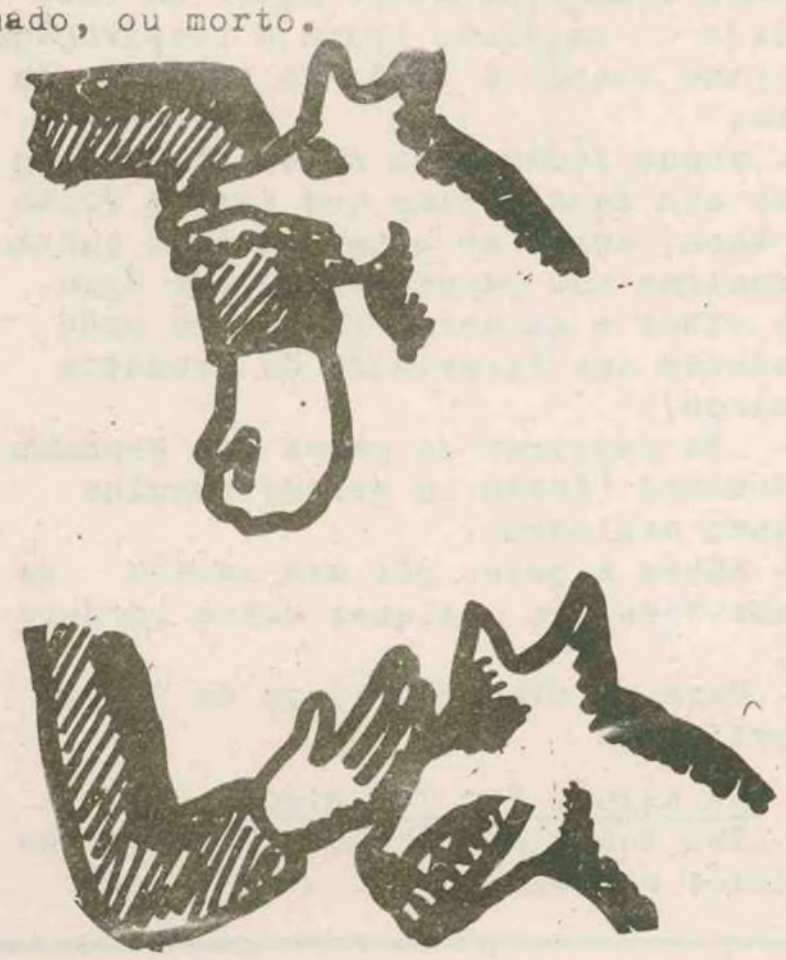
Os casos graves podem dar origem a lesões secas pulmonares (bronquites, escarros cor de rosa) ou a uma saturação à morte por lesões pulmonares.

Granadas de cloro (dentro de cilindros em plástico transparente) corrosivo, ataca as mucosas externas e internas.

Contra os projécteis, casse-Têtes, etc.
- Nenehum vestuário de nylon (que arde) nem enchimento de papel"

Para devolver aos polícias as granadas lacrimogéneas que eles nos atiram, tem que se esperar que elas rebentem (um pequeno estoiro), e devemos usar luvas (para evitar as queimaduras).

Contra os cães-polícias - mete-se um cotovelo dentro da boca do cão; dá-se-lhe uma pancada com o cutelo da mão, entre os olhos e o focinho. Ele ficará inanimado, ou morto.



5. Ataque contra a polícia

É dificil como se sabe, estabelecer a fronteira entre a defesa e o ataque.

Há armas essenciais para a defesa (barras de ferro, paus - que só servem inocentemente para levar cartazes, e que depois se transformam em casse-têtes dos manifestantes), de grande utilidade para o ataque.

No choque contra as forças repressivas, os factores fundamentais em jogo são a audácia e o efeito de surpresa.

É o que LENINE quer dizer, quando escreve:

"Um destacamento organisado e unido constitui uma grande força quando não lhe faltam energias.

Não se deve, de modo nenhum, afastar a ideia de formar ou de reorganizar estes destacamentos com a desculpa de não haver armas..." (1)

- e sobre a função desses destacamentos:

"Os destacamentos podem ser formados não importa em que proporção, começando por 2 ou 3 pessoas. Eles devem-se armar a si próprios, cada um como puder (espingarda, revólveres, granadas de mão, punhal, machado, cacêtes, trapos embebidos em petróleo para meter fogo, vigas para construir barricadas, cápsulas incendiárias, arames, arames farpados, pregos contra a cavalaria, etc., etc).

Nunca se deve esperar a ajuda estrangeira, a ajuda de cima, mas sim cada um procurar qualquer coisa para si próprio... àlém disso, mesmo sem dispôr de nenhuma arma, os destacamentos podem ter uma função muito importante: 1) dirigir a multidão; 2) atacar no momento oportuno um polícia, um guarda isolado (como aconteceu em Moscovo), etc, para o desarmar; 3) libertar os presos e salvar os feridos quando a polícia é numerosa; 4) subir para os tetos das casas, para os andares de cima, etc., para lançar pedras sobre a polícia, água quente, etc."(2)

(1) - Lenine, obras completas - Vol X p. 14-17

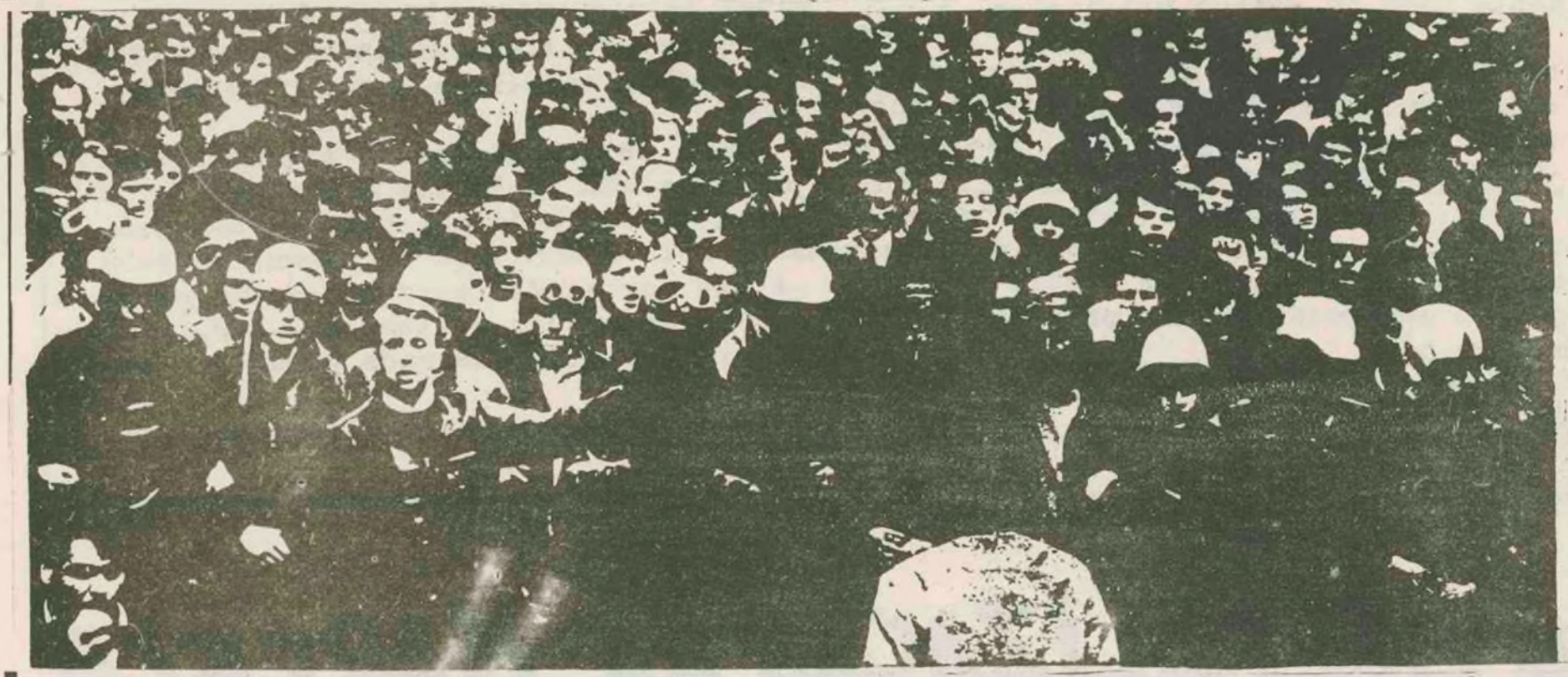
(2) - Lénine - Obr.completas - Vol IX, pgs. 436-440

Quanto a projécteis a lançar contra a polícia, os mais utilizados são: batatas com lâminas espetadas, esferas de aço (atiradas por meio de fisgas), pedras, etc., O que conta, como diz Lenine, é que cada destacamento se arme a si próprio, e não passe a vida à espera da ajuda de cima, de armas, etc.

A arma preferida pelos destacamentos de combate, na rua, é o cocktail molotov. Publicámos no 1º número do jornal, duas formulas que dispensam a utilização do fogo. Há uma formula mais simples, e mais frequentemente utilizada: uma garrafa com gazolina, óleo e areia no fundo, com um trapo molhado de gasolina que se acende no momento de atirar.

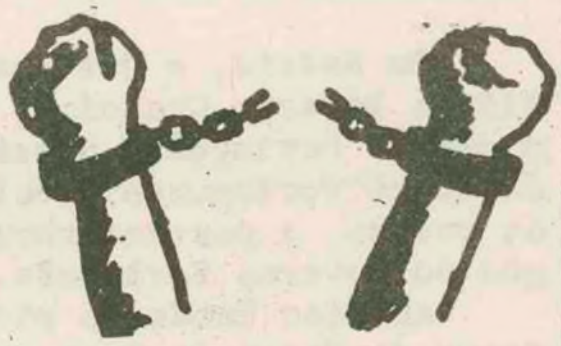
A combustão verifica-se quando a garrafa se parte.

Para o militante da guerrilha urbana, como vemos, todas as armas servem e são úteis. O que conta é a audácia, a imaginação, a decisão e o efeito de surpreza.



um exemplo: Paris, Maio de 1968 — na frente da manifestação, os grupos de auto-defesa

os nossos camaradas presos



Há dezenas de anos que, na luta contra a ditadura da burguesia, inúmeros camaradas têm caído no combate.

Sacrifícios de toda a ordem, a perca da liberdade e da vida, são os valores morais do passado e do presente da luta dos progressistas portugueses.

A burguesia continua a deixar apodrecer nas prisões homens, mulheres e jovens que constituem o melhor sangue da nossa pátria, pela coragem, pela dignidade, pelo exemplo revolucionário.

Para todos esses camaradas vai a nossa solidariedade comunista.

Como se deve exprimir o nosso apoio?

Como deve, a nossa linha política, exprimir-se diante deste problema?

Nós aceitamos todo o trabalho político tendente a reclamar junto das autoridades a liberdade dos nossos companheiros de luta. Nós aceitamos as campanhas de subscrições para auxílio das famílias desses camaradas.

Os núcleos "O Comunista" exercerão também esse trabalho, porque ele constitui a ocasião de exprimir rápidamente uma solidariedade para com os companheiros em luta.

Mas, ao contrário do P."C."P.que não diz uma palavra sobre os presos políticos de tendências diferentes, como é o caso dos militantes da F.A.P. e do CMPL,,o nosso apoio não irá únicamente para os nossos militantes. A nossa acção de solidariedade abrangerá todos os militantes presos, independentemente do partido em que se filiaram,inclusivamente os elementos do P."C".P..

Mas, para nós, não é esse o trabalho fundamental, nem é essa a solidariedade marxista-leninista, nem é esse o apoio que os camaradas presos precisam e querem de nós.

A prova duma verdadeira solidariedade com os camaradas presos, aparece na luta política. O melhor alento que o camarada preso pode ter, é a notícia de que o fascismo Português é atacado. O melhor apoio que ele pode receber, é saber que a luta não parou, que outro camarada o substituiu quando ele foi preso.

Se o auxílio que é dado aos presos políticos, consistir únicamente ..num apoio económico, em escrever cartas,em fazer telefonemas, etc., é um auxílio de características meramente democratas, liberais e católicas , e não comunistas.

Para os comunistas, a solidariedade política não se limita a reclamar e a auxiliar as famílias. Para os comunistas , a luta continua e intensificar-se-à. As forças de repressão serão atacadas pelos nossos militantes. A P.I.D.E. pagará por cada camarada preso ou assassinado.

Essa será a nossa solidariedade.

A "LIBERALIZAÇÃO" do MARCELO

A EXTRADIÇÃO DE EDUARDO CRUZEIRO

Em Madrid, a justiça espanhola decidiu: Eduardo Cruzeiro, jovem revolucionário Português, desertor da guerra da Guiné"Portuguesa", sofrerá uma pena de prisão, e posteriormente será entregue ao Governo Português.

Américo Tomás, o ridículo presidente do fascismo Português, manda condecorar, no passado mês de Abril, o coronel Eduardo Blanco Rodriguez, director-geral da Seguridad Espanhola (a Pide de Franco) com a Ordem do Infante D. Henrique, por relevantes serviços prestados a Portugal.

Marcemo Caetano "quer" liberalizar o país, sorri por tudo e por nada, faz promessas, quer o entendimento de todos os portugueses.

Mas as diferenças do regime de Salazar ainda não apareceram. Como no passado, as prisões continuam cheias, os revolucionários são perseguidos, o povo é explorado e a juventude é sacrificada numa guerra criminosa.

Como no passado, a Pide continua a pedir a extradição dos Portugueses que são presos pela polícia Espanhola.

A repressão continua feroz, a Pide não abranda os seus métodos desumanos, e o sr. Presidente do Conselho não"meche uma palha" para resolver essa situação. Precisamente, como Salazar.

A nossa resposta é simples: denunciaremos internacionalmente, aliados aos nossos camaradas Espanhóis, a aliança fascista de Franco-Marcelo Caetano; pediremos a libertação de Eduardo Cruzeiro; continuaremos, como no tempo de Salazar, a nossa luta contra a criminosa burguesia Portuguesa.

a P.S.P.

O polícia é constantemente visto com uma cara de anjo da guarda um servidor da ordem no bom sentido - ataque ao crime organisação do trânsito, etc.

Mas a verdadeira função da polícia é outra - a sua verdadeira consiste em defender a ordem burguesa, o que quer dizer, defender a propriedade dos patrões, e o regime capitalista.

É devido a isso que nós vemos, nas manifestações do povo contra o Governo, o ataque ser exercido pela P.S.P.; nessa altura, deixam de ser os pacíficos sinaleiros e os "simpáticos" polícias que ajudam as crianças a atravessar a rua; nesse momento, aparece a sua verdadeira função - agentes de repressão do povo Português.

Os dirigentes dessa instituição, são:

Brigadeiro Tristão Carvalhais
- Comandante Geral

Coronel Santos Junior
- Comandante Distrital do Porto

Coronel Salvador Ribeiro
- Comandante Distrital de Lisboa

Coronél Sousa Guerra
- Chafe do Estado-Maior da P.S.P.

Coronel Pinto Soares
- Comandante da Escola Prática da P.S.P.

Major Orlando Costa e Silva
- Comandante do Distrito Coimbra

Para ilustrar o que significa essa corporação, citamos palavras do seu comandante-geral:

" A P.S.P. está na primeira linha da rectaguarda". Aqui, o Brigadeiro Tristão Carvalhais quer referir-se à rectaguarda da frente em África. No artigo "A Guerra Colonial" do nº 2 do nosso jornal, insistimos na necessidade de perturbar essa rectaguarda, para que os nossos camaradas de Angola, Guiné e Moçambique alcancem mais cedo a sua libertação. Como vêmos, a P.S.P. não tem, sobre este problema, a posição neutra de quem só pretende "manter a ordem" - defender as pessoas dos bandidos e ladrões... a sua posição é de colaboração directa com o Governo.

Na festa que tem o nome de "Dia do Polícia" e que se realizou em Março, o mesmo Brigadeiro Tristão Carvalhais insistiu nas dignas funções desta corporação essencial à força pública " : "... tem estado na primeira linha do combate à subversão, sob qualquer aspecto que possa apresentar, na luta contra a desordem e a anarquia, na defesa a todo o custo do clima de ordem e paz interna, como condição de progresso do País". E mais adiante: " Com a criação da Escola Prática da Polícia tem-se a certeza de conseguir preparar os agentes da P.S.P., por forma a dar-lhes um nível cultural e de técnica policial bem patente pelos resultados conseguidos na manutenção da ordem pública nos últimos anos, maugrado as tentativas subversivas de uma exigua e pouco significativa minoria de agitadores".

Nem uma palavra de preocupação com o aumento do crime em Portugal, indício seguro duma sociedade em crise! Declarações de fé e de servilismo no ataque aos operários e intelectuais que estão fartos de sentir a bota em cima, e que querem construir um país onde se possa viver dignamente!

A nossa posição está tomada, as vossas intenções são claras. O povo saberá dar-vos a resposta adequada.

correspondência dos núcleos "O COMUNISTA"

Recebemos artigos de alguns núcleos "O Comunista", destinados a serem publicados no jornal.

Infelizmente, dada a falta de espaço, publicaremos apenas algumas afirmações mais importantes, que serão seguidas da nossa apreciação.

"Esta linha política anti-revolucionária (a linha do P."C"P.), tem contribuido para o afastamento de grandes militantes da base ao tôpo, marxistas-leninistas de grande dedicação ao povo.

Assim, todos os homens e mulheres conscientes viram que era urgente criar um partido de acção revolucionária, apoiado nos trabalhadores do campo e da cidade e nas forças progressistas amantes da paz e da liberdade.

Para isso é necessário criar, desde já, em todo o país, em todos os sectores de trabalho, comités, células e outros organismos, compostos por camaradas activos que se empenhem calorosamente na batalha contra o fascismo, para libertar o povo e entregar á classe operária o futuro da Pátria.

Só assim fica assegurada a estabilidade e mantido o nível social entre todos. (...)

Temos de saber combater a Pide, a Guarda Républicana e tantas outras criações do fascismo.

O tempo já nos provou, que em parte alguma do mundo, nenhum povo se libertou de braços cruzados face ao inimigo poderosamente armado, e disposto a matar sem piedade. (...)

Vamos pois unir-mo-nos com coragem e confiantes, erguer as nossas vozes contra os canalhas, os parasitas da nefasta sociedade actual, e transformá-la-emos numa nova sociedade pura e sã, onde não existirá nem escravos nem senhores, e também não sectores de privilégio social, que entre novos e velhos todos tenham orgulho em viver, que as mães ao darem os seus filhos ao mundo estejam certas que eles não serão servos de senhores, nem carne de canhão, mas um filho útil ao serviço duma sociedade progressista e de iguais direitos sociais.

Sejamos confiantes, que a vitória nos pertencerá, que o senhor da terra e da guerra será liquidado pela força das armas populares, que o sol ao nascer será para todos.

Um mundo novo nos espera."

De um outro artigo que recebemos, tirámos o seguinte:

"Um povo triste, dirá um turista.

Como exigir que um povo tenha alegria se no seu lar ele não tem pão? Como exigir que um lar tenha alegria, se o filho parte para a guerra, onde o seu primo já lá se encontra? Como exigir um povo alegre quando o pai tem de abandonar o seu lar, os seus filhos, a sua terra, os seus amigos, a sua Pátria, para ir ganhar no estrangeiro o pão que lhe é negado no seu país?

Como é possível um povo alegre quando ele se encontra ao serviço das grandes companhias da burguesia estrangeira? (...) A nossa juventude morre para quê e para defender o quê? Para defender o petróleo quando ele é tão caro na sua aldeia, para defender a gasolina e o ouro, as bananas e o café, etc., quando isso lhe é vendido mais caro que em qualquer outro país da Europa (...).

Como é possíveleu mesmo ter alegria aqui no meu Alentejo, quando o senhor da terra que se chama D.Diogo de Passanha é dono de quase todo o Alentejo, e para quê? Para criar touros para divertir os patrões que são quem vive alegre e se pode divertir.

Povo Português, camaradas, jovens, operários, camponeses, estudantes, todos homens e mulheres que amam a nossa Pátria, ganhemos confiança em nós e organizemo-nos, pois organizar é lutar e lutando organisado, tu povo português, poderás viver alegre num Portugal onde o filho não precisa de ir para a guerra nem o pai para o estrangeiro."

Como vemos estes artigos repetem temas e opiniões que já foram debatidos anteriormente. É essa a sua falta mais grave. Na verdade, o que interessa hoje para a evolução do nosso trabalho, é

principalmente, a troca de experiências sobre factos concretos.

Por isso, pedimos aos camaradas que nos enviem, principalmente, artigos sobre dificuldades de organização, experiências de militantismo, casos de exploração das camadas trabalhadoras, nomes e moradas de agentes da Pide,"bufos", etc.

Uma palavra sobre o conteúdo dos artigos: eles estavam de acôrdo com a linha política que pretendemos construir; aconselhamos a sua publicação a cargo dos núcleos que os enviarem, utilizando o copiógrafo manual. Será uma tarefa integrada na agitação e propaganda de cada agrupamento.

LE: " TEXTOS MARXISTAS"

" O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem " - F. ENGELS

" Manifesto do Partido Comunista" - - K. MARX

" A Nossa Estratégia da Guerrilha" NGUYEN VAN THIEN

" Principios Elementares da Filosofia" POLITZER (a sair)

" Socialismo e Religião - LENINE!

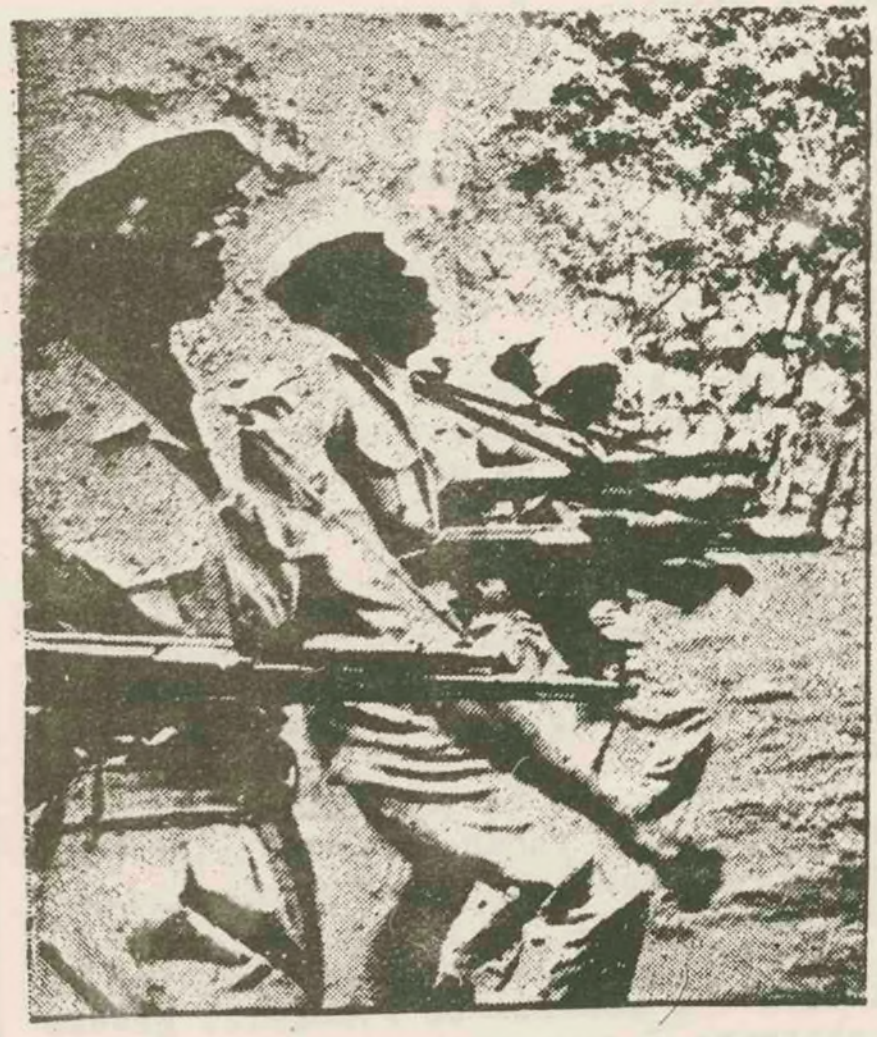
Cotisações dos núcleos "O Comunista"

Abaixo o fascismo	500$00
Pelo marx-leninismo	1.250$00
Revolução	650$00
Liberdade	400$00
Flores vermelhas	350$00
Armas na mão	350$00
Poder do povo	1.000$00
Operários e camponeses ...	750$00
Venda de imprensa	1.500$00

Aconselhamos todos os núcleos "O Comunista" que se formaram, organisarem uma caixa própria com as cotisações dos seus elementos. Essas caixas assim formadas, constituirão uma reserva indispensável para o desenvolvimento da nossa actividade.

Dadas as nossas dificuldades económicas, a imprensa tem de ser toda vendida.

Só assim conseguiremos obter o dinheiro necessário para o nosso trabalho futuro.



FRENTE COLONIAL

Guerrilheiros da Guiné, nossos camaradas na luta contra a burguesia Portuguesa.

Colaboremos no seu combate, organizando comités de auxilio à luta libertadora de Angola, Guiné e Moçambique!

Organizemos a nossa juventude, para que sejam criados os comités de soldados e de oficiais, arma essencial para a desagregação do Exército Português!

Organizemos a deserção!

FRIEDRICH ENGELS

Engels, na expressão lapidar de Lénine "foi o mais notável educador do proletariado contemporâneo de todo mundo civilizado". Na verdade, se a Marx ficamos a dever a construção intelectual que, orientado a nossa investigação e a nossa actividade, nos conduzirá à vitória, é sem dúvida a Engels que o proletariado ficou a dever o primeiro contacto e o traçado do primeiro caminho de acesso à imensa vastidão do pensamento marxista.

Friedrich Engels nasceu em Barmen (Prússia) em 1820.

Como todos os intelectuais alemães da época Engels foi atraído pela filosofia de Hegel, filósofo idealista. Manifestando desde o início a sua discordância com tal modo de pensar, Engels foi, com Marx, o fundador do materialismo dialético. É em 1842, em Paris, que pela primeira vez, se encontram Marx e Engels. Até à morte, trabalharão ambos pela condução do proletariado à vitória.

Em 1845, Engels escreveu a "Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra". O grande mérito de tal obra está não só na descrição da miséria em que vivia a classe trabalhadora mas, sobretudo no reconhecimento de que tal classe, conduzindo a sua propria luta, acabará por vencer e conquistar a sua emancipação final.

De 1845 a 1847, em Bruxelas e Paris, Engels desenvolve uma intensa actividade cientifica e política.

Em 1848 aparece o "Manifesto do Partido Comunista", peça básica, fruto do labor comum de Marx e Engels.

Depois da Revolução Francesa de 1848, Engels renova de actividade. Perseguido, consegue escapar e instalar-se em Inglaterra. Até 1870 viveu em Manchester, habitando Marx em Londres, correspondiam-se quási diáriamente. Tais cartas guardam para nós um interesse enorme. É aí que Engels e Marx debatem os problemas quotídianos da luta operária. Em 1883, faleceu Marx. Engels redobra os seus esforços. Preocupa-se com a edição das obras inéditas de Marx. Devemos-lhe a edição do II e III Tomos do "Capital".

Escreve uma notável obra de divulgação do marxismo e defende-o hàbilmente de todos os ataques e desvios. Em "Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia clássica Alemã", Engels explica-nos por termos simples como nasceu e o que é o materialismo dialético. Em "Socialismo Utópico e Socialismo Cientifico" é a evolução histórica da economia que nos é esclarecida por Engels. O "Anti-Dühring" é uma obra fundamental de defesa do marxismo. " A origem da familia, da propriedade privada e do Estado " é uma obra de grande importância e grande poder explicativo, felizmente já traduzida em português, edição brasileira. "A Questão do Alojamento" tem ainda hoje um poder de actualidade muito superior a obras de especialistas dos nossos dias.

Porém, a actividade de Friedrich Engels foi eminentemente prática. Ele foi depois da morte de Marx o conselheiro desejado e consultado por todos os dirigentes operários.

Em todas as reuniões operárias a presença de Engels foi exigida. Da Irlanda até à América, Engels esteve sempre ao lado de todas as manifestações operárias.

Até 1895, ano em que faleceu, ele foi o animador incansável de todos os movimentos operários quer nacionais quer internacionais.

É com extrema justiça que Lénine afirmou: " A memória de F.Engels, grande combatente e educador do proletariado, viverá eternamente!"